FACULDADE Eficaz
BOLETIM

CONTRIBUIÇÕES DA LUDOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DISLÉXICOS

NEVES, Cirlene Aparecida Coleoni das

Resumo: O presente artigo abordará o que é dislexia, as necessidades de metodologias diferenciadas que o aluno disléxico necessita para desenvolver suas capacidades acadêmicas, bem como as dificuldades encontradas pelos próprios educadores para ensinar os alunos que possuem esse distúrbio. Além disso, abordará algumas dicas de como os profissionais poderão atuar na sala de aula para contribuir para um melhor atendimento a esses alunos, bem como a importância do lúdico para o desenvolvimento de crianças com esse transtorno de aprendizagem, não podendo esquecer o papel mediador do professor na prática pedagógica onde o lúdico está inserido, fazendo com que o indivíduo tenha um bom desenvolvimento em todos os aspectos. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, embasada por autores como: Giselia Souza dos Santos de Almeida, Emilla Rafaella Amorim, Daniela de Almeida Marques etc. Verificou-se que o jogo é utilizado pela escola como um recurso muito eficaz para a realização de atividades com fins educativos, inclusive com crianças disléxicas.

Palavras-chave: Dislexia. Professor. Aprendizagem. Lúdico.

Abstract: This article discusses what is dyslexia, the different methodologies needs the student dyslexic need to develop their academic skills as well as the difficulties encountered by the educators to teach students who have this disorder. In addition, it will address some tips on how professionals can work in the classroom that could contribute to a better service to these students as well as the importance of the play to the development of children with this disorder learning and cannot forget the teacher's mediating role in the pedagogical practice where playfulness is inserted, causing the individual to have a good development in all aspects. The methodology used was the literature, grounded by authors such as: Giselia Souza dos Santos de Almeida, Emilla Rafaella Amorim, Daniela de Almeida Marques, etc. Found that the game is used by the school as a very effective resource for carrying out activities for educational purposes, including dyslexic children.

Keywords: Dyslexia. Teacher. Learning. Playful.

INTRODUÇÃO

Na busca pelo perfeito, o indivíduo é tomado pelo senso comum e se esquece de buscar um conhecimento novo, deixando cristalizar todos os preconceitos que o cercam no cotidiano. Mesmo com tantas mudanças, o professor ainda resiste em modificar suas práticas pedagógicas, esquecendo que a realidade atual é a da Educação Inclusiva, gerando muitas dúvidas, angústias e incertezas. Com tantas dificuldades de aprendizagem e distúrbios, fica cada dia mais difícil diagnosticar, avaliar e incluir o aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Partindo deste pressuposto, é preciso investigar as atividades lúdicas presentes na dinâmica escolar como parte do processo de aprendizagem de alunos com distúrbios. Optou-se pela dislexia porque é um dos distúrbios de maior incidência dentro das salas de aula, mas que ainda não é de conhecimento de muitos profissionais da educação, nem dos pais. Torna-se necessário demonstrar, além disso, como os jogos, brinquedos e brincadeiras contribuem no desenvolvimento e aprendizado da criança disléxica.

Diante disso, pergunta-se: como o lúdico pode contribuir para tornar o ambiente escolar favorável com propostas adequadas para desenvolver habilidades na construção do conhecimento do aluno disléxico?

O trabalho teve por objetivo identificar os sinais de dislexia e contribuir com intervenções adequadas, desenvolvendo práticas pedagógicas que possam ser trabalhadas em sala de aula, subsidiando o professor e proporcionando o desenvolvimento de habilidades cognitivas de alunos disléxicos para facilitar-lhes a construção de conhecimentos, além de apontar as contribuições da Ludopedagogia nesse processo. Mediante pesquisa bibliográfica realizada sobre o assunto, todo o material levantado foi de grande relevância para a concretização do referido estudo.

É sabido que, tanto os pais quanto os professores devem ficar atentos aos sinais de dislexia quando esgotarem-se todos os subsídios de aprendizagem da criança, depois dela ter sido estimulada de várias formas e mesmo assim não tenha apresentado um rendimento satisfatório, ou seja, apresente ainda um déficit de conteúdo, o que continua acentuando-se no decorrer dos anos, como por exemplo, as trocas das letras.

É essencial que o professor seja capacitado e tenha conhecimento sobre a dislexia para poder atender o aluno, de modo a favorecer seu desenvolvimento. Ele precisa saber o que é dislexia, qual sua causa, além de saber como diagnosticar mesmo que de forma superficial para encaminhá-lo para uma avaliação com profissionais da área.

Assim, o professor poderá trabalhar com o aluno em sala de aula sem medo de que ele sinta-se excluído. Dentre várias dificuldades em trabalhar com o aluno com dislexia em escolas públicas, visa-se mencionar salas de aula superlotadas, professores despreparados para lidar com os diversos tipos de dificuldades, falta de material didático de apoio, indisciplina e, muitas

vezes, ausência de parceria da família. O aluno com dislexia tem a escrita comprometida, leitura e memorização, resultando em uma integração social difícil.

Para que a escola realize um bom trabalho, é necessário que a família participe junto com ela, expondo e conversando com o aluno sobre o problema de dislexia, buscando resgatar pouco a pouco o trauma da sua incapacidade de aprender a ler e escrever corretamente.

Este tema é muito pertinente, por este motivo se faz necessário ser estudado e pesquisado, no intuito de melhorar o ensino-aprendizagem do aluno disléxico e mencionar as contribuições da Ludopedagogia para o referido distúrbio.

DISLEXIA E LUDOPEDAGOGIA: REFLEXÕES TEÓRICAS

Segundo Almeida (2009), a dislexia vem das palavras gregas dis que significa difícil e lexis que é uma dificuldade na área da leitura, escrita e soletração. De acordo com as pesquisas realizadas referentes à dislexia, pode-se perceber que ela teve várias definições.

Assim sendo, em 1994, outra definição foi elaborada pela International Dislexia Association e adotada pela Associação Brasileira de Dislexia que define a dislexia como: "[...] um distúrbio da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico." (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA de DISLEXIA apud IANHEZ; NICO, 2002, p.6)

Mais autores conceituaram a dislexia:

> É uma dificuldade que ocorre no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia. Não é uma doença, mas um distúrbio com uma série de características. Torna-se evidente na época da alfabetização, embora alguns sintomas já estejam presentes em fases anteriores. Apesar de instrução convencional, adequada inteligência e oportunidade sociocultural e ausência de distúrbios cognitivos fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia independe de causas intelectuais, emocionais e culturais. É hereditária e a maior incidência é em meninos na proporção de três para um (ou seja, a cada três meninos que nascem com dislexia, apenas uma menina nasce disléxica). (ORTON, apud SANTOS IANHEZ; NICO, p.21-22)

Diante do exposto, é visto que para considerar que o aluno é disléxico, é primordial que o educador tenha conhecimentos específicos para observar o desenvolvimento acadêmico dele, analisar os fatores que influenciam a falta de interesse do educando e o processo de aprendizagem, e por meio de intervenções pedagógicas, fazer o acompanhamento adequado na perspectiva de investigar se o aluno necessita de um tratamento especial.

Ianhez e Nico (2002) afirmam que a dislexia pode apresentar diversos sintomas, os quais são diferenciados de outros distúrbios, tais como:

> Desempenho inconstante; demora na aquisição da leitura e da escrita; lentidão nas tarefas de leitura e escrita, mas não nas orais; dificuldade com os sons das palavras e,

> consequentemente, com a soletração; escrita incorreta; com trocas, omissões, e aglutinações de fonemas; dificuldade em associar o som ao símbolo; dificuldade com a rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras); discrepância entre as realizações acadêmicas, as habilidades linguísticas e o potencial cognitivo; dificuldade em associações, como, por exemplo; associar olhos os rótulos aos seus produtos; dificuldade para organização sequencial, por exemplo, as letras do alfabeto, os meses do ano, tabuada etc.; dificuldade em nomear objetos, tarefas, etc.; dificuldade em organizar-se com tempo (hora), no espaço (antes e depois) e direção (direita e esquerda); dificuldade em memorizar números de telefone, mensagens, fazer anotações, ou efetuar alguma tarefa que sobrecarregue a memória imediata; dificuldade em organizar suas tarefas; dificuldade com cálculos mentais; desconforto ao tomar notas e/ou relutância para escrever; persistência no mesmo erro, embora conte com ajuda profissional. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 26-27)

Analisando esses sintomas, pode-se observar que existem vários fatores que influenciam o desenvolvimento de aprendizagem, e nesse contexto, o educador deve ser reflexivo, crítico, observar e analisar o rendimento acadêmico de seus alunos, estar atento às dificuldades de aprendizagens, pois elas podem estar associadas a algum distúrbio, o qual deve ser analisado para a intervenção adequada e o aluno ter um atendimento especializado.

Ao discorrer sobre a formação do professor para atuar na educação especial, Silva (2007) afirma que a formação exige elementos fundamentais como:

> Capacidade de realizar um diagnóstico pedagógico inicial, planejar a intervenção adequada e adotar procedimentos de avaliação processual e contínua que possibilitem o avanço no processo de aprendizagem do aluno (incluso ou não). Desenvolvimento de programas que atendam às necessidades educativas especiais do aluno e forneçam apoio ao professor do ensino regular. O desenvolvimento, implementação, avaliação e revisão dos planos educacionais e programas de intervenção individuais. A intervenção nas áreas curriculares, ajuda familiar e colaboração da gestão escolar (SILVA; 2007, p.64).

A educação escolar exige aprimoramentos no ensino, principalmente no que tange as necessidades especiais, pois ela requer educadores capacitados para compreender e desenvolver as especificidades que fazem parte dos distúrbios de aprendizagem, e dessa forma, o professor deve se apropriar de metodologias e estratégias eficientes para trabalhar e desenvolver a aprendizagem dos alunos que possuem o referido distúrbio.

Partindo desse pressuposto, Ianhez e Nico (2002) afirmam que a equipe multidisciplinar pesquisará todas as possibilidades com o intuito de traçar um diagnóstico conciso, identificando com isso as dificuldades e necessidades específicas do indivíduo em fase de avaliação, bem como seus potenciais mantidos.

Sabe-se que todos os envolvidos na educação, professores, equipe pedagógica, pais, são elementos fundamentais para o encaminhamento do aluno aos especialistas da área para que a criança possa ter um diagnóstico precoce e eficiente.

Nessa perspectiva, Morais (2003) afirma que é decorrente desta situação que, tanto a dislexia como as demais dificuldades e/ou transtornos de aprendizagem, devem ser motivo de

preocupação constante de professores e pais na tentativa de fazer um diagnóstico precoce com a finalidade de se desenvolver uma estratégia que possa auxiliar a criança portadora do distúrbio a superar os obstáculos que vão tornando "impossível" o ato de aprender a ler e a escrever.

Dessa forma, pode-se observar que o aluno disléxico necessita de um atendimento individualizado com métodos e o trabalho do professor em sala de aula com esse aluno deve ser promovido com estratégias metodológicas condizentes, as quais possam sanar ou minimizar as dificuldades de aprendizagem causadas pela dislexia.

Nesse sentido, além dos espaços criados para a formação do professor para atender os alunos com necessidades especiais, é fundamental analisar os métodos de ensino, as estratégias pedagógicas e as políticas educacionais, pois eles devem ser adequados, estruturados, organizados pelos gestores educacionais, os quais por meio de práticas coletivas tenham o objetivo de melhorar a educação e a valorização dos profissionais da educação, com a função de direcionar e organizar o processo de ensino e aprendizagem no contexto escolar.

Portanto, a educação escolar exige aprimoramentos no ensino, principalmente no que tange as necessidades especiais, pois ela requer educadores capacitados para compreender e desenvolver as especificidades que fazem parte dos distúrbios de aprendizagem.

Dessa forma, é necessário buscar intervenções pedagógicas para obter resultados condizentes para encontrar estratégias para o tratamento adequado da dislexia. Bergamo (2005) afirma que:

> Quando não recebem o diagnóstico correto, as crianças que o apresentam tornam-se problemáticas em todas as disciplinas escolares e frequentemente são taxadas de "burras", "ignorantes" e "indolentes" – o que tem, é lógico um impacto nefasto sobre sua autoestima. (BERGAMO, 2005, p.104)

O aluno disléxico necessita de um atendimento individualizado, com métodos e estratégias diferenciadas, relacionadas às especificidades do referido distúrbio. Sendo assim, para superar esse desafio em sala de aula, o professor deve utilizar em sua prática educativa materiais concretos, audiovisuais, enfim, utilizar de várias ferramentas, inclusive as que promovem estímulos sensoriais.

O trabalho do professor em sala de aula com o aluno disléxico deve ser promovido com estratégias metodológicas condizentes, as quais possam sanar ou minimizar as dificuldades de aprendizagem causadas pela dislexia.

Segundo Marques (2014), o brincar nesse processo torna-se extremamente importante. Estudiosos do desenvolvimento humano, como Piaget e Vygotsky, relacionam o brincar com o desenvolvimento cognitivo infantil.

Para Piaget, o brincar serve a necessidade da criança de perceber e manipular o objeto, observando as relações causais entre sua ação e o objeto, consolidar seu conhecimento e extrair prazer por dominar a situação.

Diferentemente de Piaget, Vygotsky salienta que, a evolução do brincar é influenciada pelo meio e pela motivação e incide numa importante fonte de grandes avanços no desenvolvimento cognitivo. (MARQUES, 2014)

Segundo Marques (2014), o jogo proporciona relações sociais completas, em que a pequena comunidade age sob o domínio de regras e possui um sistema de julgamento próprio baseado em jurisprudência.

De acordo com Amorim (2008), a criança brinca porque é prazeroso, é bom, porque ela gosta de brincar e brincando ela se desenvolve, aciona o pensamento, alcança níveis de desempenho que só as ações por motivação intrínseca conseguem.

A criança que brinca se desenvolve socialmente, faz amigos, interage com mais facilidade e aprende a conviver respeitando o direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo. Com o brincar essa criança se prepara para o futuro, experimenta o mundo à sua volta dentro dos limites que sua condição permite. (AMORIM, 2008)

Para Amorim (2008), quando a criança brinca, ela se prepara para aprender novos conceitos e novas informações. Por isso, as escolas de hoje em dia devem ter uma proposta pedagógica que incorpore o lúdico como eixo a ser trabalhado na educação infantil e no ensino fundamental, ligado à motivação, à interação social, com características pessoais, e aos contextos nos quais as tarefas escolares se desenvolvem.

Ainda segundo Amorim (2008), cada criança tem seu ritmo próprio de desenvolvimento e características pessoais que irá diferenciá-la das outras. Embora os estágios de desenvolvimento pelos quais toda criança passa sejam semelhantes, a época e a forma como cada uma irá passar por tais estágios podem variar bastante. Isso com os disléxicos não é diferente, apenas é essencial respeitar o tempo de desenvolvimento, dando a eles condições favoráveis de aprendizagem de modo a suprir suas limitações.

> Qualquer jogo ou brincadeira pode ser utilizado na escola, desde que se respeitem a natureza do ato lúdico, a liberdade e a manifestação da criança, pois se essas condições forem garantidas, a função pedagógica subsidiará o desenvolvimento integral da criança, e o jogo poderá ser designado como jogo educativo, indispensável ao desenvolvimento infantil. (KISHIMOTO, 1998, apud, AMORIM, 2008, p. 21).

Conforme Amorim (2008) suscita, o jogo pedagógico é um recurso lúdico que contribui na aprendizagem de forma a sanar as dificuldades do aluno. O professor como mediador da criança, deverá proporcionar condições para que, através da simples manipulação de materiais, ele possa se desenvolver na aprendizagem, construir por si só os conceitos de forma significativa e, por conseguinte, criar oportunidades de desenvolver seu próprio conhecimento.

É de extrema importância que o disléxico possa brincar, pois o brinquedo exerce um simbolismo que o faz refletir e ordenar significados, permitindo a ampliação de seu vocabulário que geralmente é pobre e faz com que ele se expresse por meio de gestos, escrita e verbalmente. Contudo, o essencial é a utilização de alguns objetos como os brinquedos e a possibilidade de executar com eles um gesto de representação simbólica. Essa é a chave para toda a função simbólica presente no brincar e no brinquedo das crianças. (AMORIM, 2008)

Para Amorim (2008, p. 22), "uma trouxa de roupas ou um pedaço de madeira torna-se, num jogo, um bebê, porque os mesmos gestos que representam o segurar uma criança ou o dar-lhe de mamar podem ser aplicados a estes objetos". Os próprios movimentos da criança atribuem a função de signo ao objeto e lhe dão significado.

> Toda atividade representativa simbólica é plena de gestos indicativos. Para a criança, um cabo de vassoura transforma-se num cavalo de pau, quando emprega um gesto que comunica o fato de que, o cabo de vassoura designa um cavalo. Isso permite à criança fantasiar, vivenciar essa fantasia, encontrar significado para seu aprendizado e, com isso criar condições de vencer suas limitações quanto à leitura e à escrita. (AMORIM, 2008, p. 22)

O jogo proporciona ao sujeito, além do divertimento, o favorecimento do desenvolvimento físico, afetivo, social e moral. Piaget, em seus estudos, afirma que o jogo possibilita a construção do conhecimento, principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operacional. Antunes (2003, apud, AMORIM, 2008) complementa dizendo que é jogando que se aprende a extrair da vida o que a vida tem de essencial.

Para Marques (2014), a criação de jogos é um excelente instrumento para estimular a aprendizagem de crianças, principalmente crianças com dislexia, mas também muito importante para crianças com outras dificuldades de aprendizagem.

Contudo, segundo Oliveira (2001, apud, MARQUES, 2014), os jogos a serem criados para facilitar e promover a aprendizagem de crianças disléxicas deverão levar em conta os seguintes aspectos: deve-se ter conhecimentos sobre dislexia, aprendendo sobre os sinais e os pontos fracos do distúrbio; deverão ser criadas letras em vários formatos e texturas e deverá brincar com a construção de palavras.

Além disso, segundo Marques (2014), deverão ser reproduzidos jogos que se encontrem em catálogos educacionais, uma vez que alguns são muito caros, mas fáceis de reproduzir; os jogos existentes deverão ser alterados e modificados para irem ao encontro das necessidades do disléxico; deve-se partir de um tipo de jogo no qual a criança disléxica goste e aprecie; deve-se partilhar ideias com outros pais, professores, e técnicos para que os jogos possam sempre ser melhorados e aperfeiçoados.

Sabe-se que a maioria das crianças disléxicas não gosta de atividades de leitura, mecânicas e repetitivas e evidencia dificuldades em aceitar este tipo de atividade; assim, para que a criança

consiga entrar mais facilmente num texto, é importante que haja a repetição de pequenas palavras e sons, bem como a memorização. (MARQUES, 2014)

Neste contexto, Ianhez e Nico (2002) salientam que:

> O aprendizado multissensorial trabalha simultaneamente com o uso dos olhos, ouvidos, órgãos da fala, dedos e músculos, envolvendo todos os caminhos para o cérebro. A vantagem desse método é que a criança disléxica é capaz de usar áreas de força, ao mesmo tempo em que exercita e fortalece áreas mais fracas. O objetivo é a criança aprender respostas automáticas duradouras (os nomes, os sons e formas de todos os fonemas) e desenvolver a habilidade de sequenciá-las corretamente nas palavras. O conhecimento a tornará tão segura que ela poderá produzir de qualquer maneira o símbolo quando necessário, seja na leitura, escrita ou soletração. Todo o seu sistema receptivo precisa interagir simultaneamente para isso acontecer. A ajuda dos pais pode ser muito importante, pois eles podem cooperar com os professores reforçando o trabalho de classe. Além da relação afetiva, por estar em casa, ampliam-se algumas possibilidades práticas (envolvimento dos sentidos). (IANHEZ; NICO; 2002 p. 88-89)

Além disso, conforme Pinto e Tavares (2010), atividades lúdicas garantem uma aprendizagem significativa para a criança com dificuldade de aprendizagem, inclusive para o disléxico, pois o lúdico proporciona prazer, socialização, respeito e individualidade.

Assim sendo, a criança aprenderá no ritmo dela, criando hipóteses, chegando a conclusões e elaborando suas regras. Ela terá a oportunidade de acertar e errar com seus próprios erros e retomar para acertar novamente. Assim, sua aprendizagem será significativa e ela levará consigo um aprendizado que nunca irá se esquecer.

Deste modo, a criança será, também, um construtor do saber e serão privilegiadas a criatividade e a imaginação, por suas interações com os fundamentos do prazer, não comportando regras preestabelecidas e velhos caminhos trilhados, mas é possível abrir caminhos novos e vislumbrar outros possíveis. (AMORIM, 2008)

Foi observado então que o lúdico serve como uma forma para apresentar os conteúdos através de propostas metodológicas fundamentadas nos interesses daquilo que pode levar o aluno a sentir satisfação em descobrir um caminho interessante no aprendizado. (PINTO e TAVARES, 2010)

De acordo com Amorim (2008), não existe apenas um tratamento para a dislexia, pois a maioria enfatiza a assimilação de fonemas, o desenvolvimento do vocabulário, a melhoria da compreensão e influência da leitura. É relevante manter o acompanhamento com uma equipe multidisciplinar, participando das terapias com fonoaudióloga e psicopedagoga. Além disso, torna-se essencial que a criança seja atendida com paciência pelos pais, amigos e professores, pois sofre da falta de autoconfiança e se sente incapaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as discussões que foram apresentadas neste estudo, ancoradas por ideias de pesquisadores, pode-se compreender os conceitos relacionados à dislexia, à importância de métodos, estratégias e práticas pedagógicas diferenciadas para atender as necessidades do aluno disléxico e a formação adequada do professor para atuar na educação especial.

Além disso, foi possível observar a importância do comprometimento da gestão pública em relação à contribuição para o aperfeiçoamento dos profissionais e a valorização profissional, elementos essenciais para o rendimento e o desenvolvimento qualitativo no desempenho no qual está inserido.

No decorrer deste artigo, foi visto sobre uma das dificuldades de aprendizagem que afeta as crianças que é a dislexia e como os pais e os professores podem lidar com isso.

Geralmente percebe-se que a criança tem dislexia na escola, então cabe ao professor encaminhar e conversar com os pais sobre isso, pois existe tratamento com uma equipe multidisciplinar de profissionais.

O maior ponto desse estudo foi mostrar a importância do lúdico para o desenvolvimento da criança com dislexia, evidenciando a importância de como jogos, brinquedos e brincadeiras podem ajudar as crianças a satisfazerem seus desejos de conviver com os trabalhos dos adultos de forma lúdica.

O professor precisa oferecer uma variedade de materiais adequados às necessidades especiais e ter uma formação qualificada para atender as crianças portadoras de distúrbios de aprendizagem.

Cabe à escola, que é um ambiente de vida e aprendizagem, oportunizar condições para o aluno realizar atividades lúdicas, empregando-as como estratégias de ensino e aprendizagem e fazer relações necessárias ao seu desenvolvimento, aprendendo a perceber e a interacionar o vivido, através da ação com o cognitivo.

Segundo Amorim (2008), brincar é coisa séria, porque na brincadeira a criança se reequilibra, recicla suas emoções e sacia sua necessidade de conhecer e reinventar a realidade. Tudo isso desenvolve atenção, concentração e muitas outras habilidades, além do prazer em viver e conviver.

Essa manifestação humana, o brincar, é altamente recomendado para a saúde mental de crianças com desenvolvimento cognitivo normal, crianças com distúrbios de aprendizagem e inclusive adultos. O jogo é a própria atividade da criança para gastar energia. Brincar é essencial à saúde física, emocional e intelectual do ser humano. A brincadeira é o momento da verdade da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALMEIDA, Giselia Souza dos Santos de. Dislexia: O grande desafio em sala de aula. **Revista don domênico**. 2009. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/dislexia>. Acesso em 05 de jul. 2016.

AMORIM, Emilla Rafaella. **Jogos, brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento da criança disléxica**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.crda.com.br/tccdoc/17.pdf>. Acesso em 27 ago. 2016.

BERGAMO, Giuliana. Neurônios à deriva. **Veja.** São Paulo, p.104-105,jun.2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, v. 5, 2002.

IANHEZ, Mª Eugenia e NICO, Mª Ângela. **Nem sempre é o que parece**: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. São Paulo: Elsevier, 2002.

MARQUES, Daniela de Almeida. **O jogo no desenvolvimento da criança disléxica**. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa. 2014.

MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. **Distúrbios de aprendizagem.** 3. ed. São Paulo, p. 60-62, dez. 2003.

PINTO, Cibele Lemes; TAVARES, Helenice Maria. O lúdico e a aprendizagem: aprender e aprender. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 226-235, 2010. Disponível em: < http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv2n3/15-pedagogia.pdf>. Acesso em 16 set. 2016.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, C. S. R. da; FRADE, I. C. A. da S. **Formação de Professores em Serviço.** Belo Horizonte: Dimensão, 2007.

TOLEDO, Cézar de Alencar Arnaut e GONZAGA, Maria Teresa Claro (organizadores). **Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas.** Maringá: Eduem, 2011.